

# A variação linguística presente no folheto de cordel *As duas mulheres valentes*, de J. Borges

Mirandolina Alvares de Deus e Melo Neta (UFPE)  
Maria Taís Gomes Santiago (UFPE)\*

## Resumo

A língua é um dos diversos traços de identificação que uma nação apresenta, podendo variar de acordo com as circunstâncias, tais como o tempo, o espaço, o nível cultural e a situação em que um indivíduo se expressa verbalmente. O português brasileiro (PB) não é uma língua uniforme. A variação, que é um fenômeno normal, está presente no PB, assim como nas demais línguas vivas que existem no mundo, e suas diferentes modalidades não existem isoladamente, ou seja, há uma inter-relação entre estas variações. Neste trabalho, procuramos discutir os aspectos relacionados à variação linguística através do folheto de cordel *As duas mulheres valentes*, do autor pernambucano José Francisco Borges (mais conhecido como J. Borges), tendo o intuito de retratar a presença da variação linguística na literatura de cordel. Sendo assim, observamos seus tipos e formações, sua diversidade em relação à linguagem abordada no discurso e a aproximação com a cultura e com as diferentes formas de expressões que utilizam o povo do Nordeste brasileiro quanto à tonicidade e o significado das palavras nas relações sociais do cotidiano. Para isso, o texto será analisado em sua totalidade à luz das implicações teóricas de Bakhtin (2000), Ilari e Basso (2006) e Lopes (2006).

## 1. Introdução

A literatura de cordel é uma espécie de poesia popular, que pode ser lida também de forma cantada e que apresenta, principalmente, marcas da oralidade e marcas específicas da linguagem do Nordeste brasileiro, onde esse gênero literário é bastante produzido e divulgado.

Entretanto, apesar de ser uma tradição forte e viva na cultura brasileira, a literatura de cordel é de origem portuguesa. Seus textos eram poéticos e, muitas vezes, apresentavam caráter político e social. Porém, devido ao fato de os folhetos ficarem amarrados ou pendurados em cordões nos locais de venda, foi designado o nome de “Cordel”.

São confeccionados até hoje de maneira artesanal, impressos em papel jornal e ilustrados por xilogravuras<sup>1</sup>; apresentam histórias inspiradas no cotidiano, na riqueza poética literária e são uma poderosa demonstração da cultura popular. Tendo como

\* Graduandas em Letras na UFPE. Este artigo foi produzido como segunda avaliação da disciplina de Linguística III – Linguística Aplicada, ministrada pela docente Rita Kramer, no semestre 2012.2.

<sup>1</sup> Xilogravura: arte e técnica de fazer gravuras em relevo sobre madeira 2 estampa obtida através dessa técnica. (HOUAISS, 2009, p. 782).

característica as figuras ilustrativas que representam personagens, lugares ou momentos dos textos - sendo estes divididos por quadras e rimas.

Assim, o trabalho de análise com relação à presença da variação linguística em literatura de cordel pode ser considerado muito significativo, já que faz com que possamos compreender melhor o processo de construção da linguagem e como ela se dá em outros meios; observando as trocas comunicativas, a criatividade presente e nos levando a refletir sobre a finalidade de adequação e de compreensão, uma vez que não existe um jeito errado e/ou inferior de expressão, pois o importante é se comunicar e se fazer entender.

Portanto, o objetivo deste trabalho é mostrar a presença da variação linguística na literatura de cordel, refletindo, através da arte, a linguagem que apresenta e os costumes dos povos que compõem o cenário nordestino. Deste modo, o seguinte trabalho parte da análise do folheto de literatura de cordel *As duas mulheres valentes*, do autor José Francisco Borges (J. Borges).

## 2. Percorso metodológico

Como o objetivo da pesquisa é o estudo das diferentes variações linguísticas presentes na literatura de cordel, realizamos a coleta do folheto intitulado *As duas mulheres valentes*, do autor José Francisco Borges (J. Borges), por ser um dos mais conhecidos, ricos e divertidos textos do autor.

Sendo assim, para a composição desta pesquisa, desenvolvemos a análise da relação entre a variação linguística e o folheto de cordel do autor pernambucano J. Borges, sua utilização na literatura e sua função como ferramenta pedagógica, pois desenvolve a prática de incentivo a leitura, escrita e memorização.

Desse modo, observamos suas recorrências, suas ligações com o contexto e suas principais funções, abordando a contribuição da sua presença na literatura e a importância de seu discurso, pois é de fundamental importância para essa manifestação literária a presença da variação linguística.

Para tanto, procuramos construir um retrato rico dos tipos de cada variação, fundamentando a realização da investigação a partir dos estudos de Bakhtin (2000), Ilari e Basso (2006) e Lopes (2006), tendo em vista a importância da valorização desse tipo literário.

## 3. Fundamentação teórica

Segundo Preti (2003), a língua pode ser entendida como uma expressão de nossas emoções e como uma identidade social em que ocorrem os diversos tipos de variação, de modo que expressa a organização de práticas sociais, indo além da representação de estruturas sintáticas e morfológicas. Portanto,

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação linguística. (PRETI, 2003, p.1-2).

Sendo assim, a língua é lugar de interação que possibilita a seus falantes se tornarem sujeitos de um contexto social dinâmico que vive em constante renovação.

Para Ilari e Basso (2006), o português brasileiro (PB) não é uma língua uniforme, sendo a variação um fenômeno normal que está presente no PB, bem como nas demais línguas vivas existentes. Esta variação, portanto, pode ser manifestada de diversas formas, dentre elas: a variação diacrônica, a diatópica, a diastrática e, por fim, a variação diamésica.

A variação diacrônica se dá através do tempo, ou seja, ocorre quando o uso de uma determinada palavra ou expressão se torna frequente na língua, podemos observar isso comparando diferentes gerações (é bem frequente nas gírias, por exemplo). Assim,

convém pensar na língua não como uma forma que foi estabelecida em caráter definitivo em algum momento do passado, quem sabe por decisão de uma assembleia de sábios, mas sim como uma realidade dinâmica, que está por natureza em constante mudança. (ILARI e BASSO, 2006, p. 153).

A língua que falamos hoje é fruto de muitas modificações ao longo dos anos. O uso de uma variante mais antiga é opção do falante ou escritor.

A variação diatópica se refere às diferenças encontradas numa mesma língua em relação aos lugares em que ela é falada, seja num mesmo país ou em países diferentes. Do ponto de vista diatópico, o português falado no Brasil é uma língua uniforme, pois a variação não afeta o âmbito sintático nem o sistema fonológico da língua, permitindo, assim, que pessoas de diferentes regiões do Brasil se entendam perfeitamente. Porém, é um erro pensar que não existe variação regional no português brasileiro. Através da fala das pessoas, podemos até mesmo identificar à qual região do país elas pertencem. Esses traços regionais aparecem com mais frequência nas falas menos monitoradas, em que é permitido o uso da norma não padrão.

Portanto, não encontramos no Brasil dialetos, mas sim uma grande diferença entre a língua falada pelos mais escolarizados e pelos menos escolarizados. A esse fenômeno dá-se o nome de variação diastrática, em que se comparam as variações presentes em diferentes estratos sociais. Podemos nos referir à variação usada pelas pessoas menos escolarizadas como “português subpadrão” ou “sub-*standard*”, o qual possui construções baseadas numa gramática própria, que permite uma boa comunicação entre os falantes. Assim, a variante sub-*standard* não é um erro, mas, sim, um código (assim como a variação padrão é também um código). A variação sub-*standard* aparece geralmente na fala.

Por fim, temos a variação diamésica, ou seja, variação ligada aos diferentes veículos ou meios em que usamos a língua, abordando as diferenças que existem entre a língua falada e a língua escrita. A grande diferença entre um texto falado e um texto escrito é a questão do planejamento. O texto falado é planejado enquanto é produzido, por isso encontramos nestes uma maior ocorrência de reformulações. Já o texto escrito é um texto que terá que falar por ele mesmo. Vale salientar que alguns textos são feitos para serem oralizados, sendo assim, não é a língua verdadeiramente falada, mas um texto que primeiro foi escrito para depois ser lido em voz alta – o que é o caso dos cordéis, os quais são feitos para serem lidos em voz alta ou até mesmo cantados.

A sociedade é formada por práticas sociais, que sofrem mudanças ao longo do tempo, e os gêneros do discurso que nelas se desenvolvem refletem as mudanças que ocorrem nas articulações que as formam: “de uma forma imediata e ágil, refletem a menor mudança na vida social” (BAKHTIN, 2000 [1979], p. 285). O cordel, portanto, sofreu algumas transformações, o que é reflexo de como se articula hoje a prática social à qual ele está filiado.

Porém, muitos teóricos ainda resistem em registrar tais transformações. Diferente dos cordéis tradicionais, os folhetos encontrados hoje são vendidos em pontos turísticos, bancas de revistas, entre outros lugares, dispensando, assim, o contato do cordelista com o público leitor. Antes o cordel era mais comumente encontrado na forma dos chamados “romances”, que eram maiores que os folhetos circunstanciais que encontramos atualmente com cerca de oito páginas, no máximo. A forma de produção e consumo do cordel também sofreram mudanças. “Uma definição cuidadosa do cordel deve, pois, atentar para os diferentes períodos de produção, e só pode ser feita a partir da observação das práticas discursiva e social em cada um dos períodos” (RESENDE, 2007, p. 47).

Hoje o cordel cumpre uma função político-social, uma vez que reflete sobre as questões sociais da atualidade, relatando fatos reais que ocorrem no Brasil e em outras partes do mundo ou narrando problemas atuais com acréscimos de juízos de valor. Os cordelistas contemporâneos costumam utilizar a mídia como fonte de informação para produzirem seus cordéis.

#### 4. Análise dos dados

A leitura é um dos meios existentes para ampliação do conhecimento. Ela contribui para a formação e transformação do ser humano e tem o poder de transportá-lo a diversos lugares. Deve ser encarada como uma prática livre, pois cada indivíduo sente e interpreta o texto de maneira diferente.

A Linguística Aplicada tem como objetivo de estudo o uso da linguagem, Lopes (2006) diz que a linguagem está sempre em movimento, afirmando que, para

estudarmos seu uso em si, devemos analisar alguns aspectos, como, por exemplo, a história e a cultura do povo que a utiliza.

Através da arte, a literatura de cordel expressa uma forma de reflexão sobre a linguagem que apresentamos, sendo considerada como um depósito de diferentes dizeres, por apresentar em sua formação linguística complexidade e diversidade. No cordel de J. Borges *As duas mulheres valentes*, é forte a presença da variação diatópica (variação regional).

Logo na segunda estrofe do folheto, pode-se observar uma variante regional de nível semântico: *banguela* (*Essa dona Belarmina/mora na rua da frente/tem a cara muito feia/banguela só tem um dente/muito amiga de Tereza/nervosa e inconsciente*). A palavra é dicionarizada e é utilizada no país inteiro, porém com sentidos diferentes. No Sul do país, por exemplo, *banguela* refere-se ao ato de dirigir sem usar marchas. Já no Nordeste, lugar onde o texto foi escrito, significa uma pessoa sem dentes.

Encontra-se, neste cordel, também variantes no nível fonético-fonológico, como *má entenção* (*A Tereza é diferente/que mora em outra rua/gosta bem da Berlamina/mas a má entenção sua/é quorque tem um preceito/de só comer carne crua*) e *avoroço* (*Teresa quando viu bela/endureceu o pescoço/Dona bela arrepiou-se e fez pequeno avoroço/achando que uma brigal/com teca era um coloço*). O autor utiliza estas construções provavelmente para tentar aproximar a escrita da fala, uma vez que na fala ocorre a acomodação fonética, permitindo que “tiremos” certos fonemas da palavra para facilitar sua pronúncia, sem modificar o seu sentido.

Na última estrofe da página dois, pode-se observar uma expressão bastante utilizada pelos falantes do interior do Nordeste brasileiro: *vou dar-lhe uma cabeçada/que você se desmantela*. Esta se situa no campo da semântica, podendo ser classificada também como uma variação diatópica, marcando uma fala menos monitorada. Embora o vocábulo *desmantela* não apresente diferença de sentido, com relação ao significado presente no dicionário, tem uso mais frequente no Nordeste brasileiro.

O cordel é rico em marcas de oralidade, pois ele é escrito com a finalidade de ser lido em voz alta. Uma marca de oralidade presente no cordel que estamos analisando é a recorrente presença do “ai”, que tem seu uso mais frequente na fala (Ex.: *Bela ai se abriu toda*).

Na primeira estrofe da página três, há a presença metafórica do substantivo “cortina”, o qual é usado referindo-se à pele, para indicar que a pele de uma das personagens havia sido “rasgada”, o que caracteriza também uma variação regional, mais frequente no interior do Nordeste brasileiro.

Na estrofe seguinte, observa-se a presença do vocábulo *mangando*, característico do “falar nordestino”, que pertence ao paradigma do verbo “mangar”. Outras variantes típicas do Nordeste são o vocábulo *acochado*, que funciona como um adjetivo (*E disse para seu quincal se quer brigar vamos a ela/ eu sei que és acochado/mas já perdi a*

*cautela...*), o vocábulo *aperriada*, que também funciona como um adjetivo (*Quinca encostou na portale disse não entra não/teca já aperriada/gritou pelos dois irmãos...*), e o vocábulo *melada*, também com função adjetiva (*Bela já toda melada/ de sangue naquela hora...*).

No penúltimo verso da terceira estrofe da página cinco, encontra-se uma expressão muito usada pelos nordestinos de forma pejorativa: *Chegou na delegacia/pequena de admirar/ quando o delegado olhou/ disse é ruim de acreditar/ que um coisinha dessa/ chame ninguém pra brigar*. Na estrofe seguinte, o autor utiliza uma expressão extremamente nordestina para dizer que uma das personagens está muito brava: *Nisto bela respondeu/mas se bater ela cresce/ quando está aperriada/o pescoço endurece/ fica virada na pestel/ e quem ir a ela padece*. A expressão “virada na peste” funciona no “linguajar” nordestino como um intensificador.

Os nordestinos costumam utilizar o verbo “bulir” como sinônimo do verbo “mexer”. J. Borges utiliza este verbo em alguns dos seus cordéis, inclusive neste que está sendo analisado: *...ela quieta no seu canto/ vocês bole com a mão...* Este verbo é comumente utilizado pelos falantes menos escolarizados do interior nordestino. Para aproximar a escrita da fala, o autor também comete um “erro” de concordância proposital: *vocês bole* (o correto seria *vocês bolem*).

## 5. Considerações finais

A partir da pesquisa realizada, pode-se observar a importância e a necessidade do estudo da relação entre variação linguística e literatura de cordel, pois mesmo sabendo da existência de regras e normas para que haja um padrão único de linguagem, deve-se compreender que a língua varia e que ela se desenvolve de forma espontânea e natural no meio social do qual fazemos parte.

A literatura de cordel é um gênero que ainda enfrenta preconceitos, talvez pelo fato de apresentar caráter popular, pois assim “como quase tudo que vem diretamente da cultura popular, é, infelizmente e com frequência, discriminada e tratada como algo de menor importância, no contexto cultural mais elitizado, mais socialmente aceito no Brasil” (LINHARES, 2006, p. 1).

Porém, se reconhecermos

as variantes linguísticas como variações da língua portuguesa e não como desvio da norma padrão (...) conseguimos valorar a cultura brasileira que é ricamente representada em cada pedacinho do nosso país. Atribuindo valor aos diferentes falares que são resultantes de cada região. (FERNANDES, 2013, p. 29).

O cordel apresenta frequentes expressões e marcas da oralidade do povo nordestino, mas não deixa de ser uma fonte de informação e de valorização da cultura que faz parte da realidade da região. Dessa forma, o estudo da variação linguística manifestada

na literatura de cordel propõe uma maior reflexão sobre a valorização da cultura popular e da construção de novos conhecimentos de forma crítica e realista.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1979].
- BORGES, José Francisco. *As duas mulheres valentes*. Bezerros: [s.n.], 2008.
- FERNANDES, Bruna de Oliveira Brantes dos Santos Torres. *Cordel: Linguagem, educação e identidade*. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia — Escola de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LINHARES, Thelma Regina Siqueira. *Reflexões*. Câmara Brasileira de Jovens Escritores: Literatura de cordel: Artigos e Cordéis. Disponível em: <<http://www.camarabrasileira.com/cordel6.htm>>. Acesso em: 11 set. 2015.
- LOPES, Luiz Paula da Mota. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- RESENDE, V. M. . *A relação entre literatura de cordel e mídia: uma reflexão acerca das implicações para o gênero*. Cadernos de Linguagem e Sociedade (Brasília), v. 8, p. 43-62, 2007. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/1245>>. Acesso em: 11 set. 2015.

## ANEXO

### AS DUAS MULHERES VALENTES

(J. Borges)

#### (01)

Leitores leiam com calma  
esta narração singela  
e Dona Belarmina  
que se conhace por bela  
é Tereza que é Teca  
e também vizinha dela

Essa dona Belarmina  
mora na rua da frente  
tem a cara muito feia  
banguela só tem um dente  
muito amiga de Tereza  
nervosa e inconsciente

É uma mulher barbada  
desejada e infeliz  
além de só viver presa  
sensurada se maldiz  
e todo mês adoecer  
e bota sangue do nariz

#### (02)

A Tereza é diferente  
que mora em outra rua  
gosta bem da Belarmina  
mas a má entenção sua  
é qorque tem um preceito  
de só comer carne crua

Dona Tereza é bicuda  
e além disso careca  
encontrou a dona bela  
toda levada da breca  
ensultou-a para brigar  
e foram jogar peteca

Tereza quando viu bela  
endureceu o pescoço  
dona bela arrepiou-se

e fez pequeno avoroço.  
achando que uma briga  
com teca era um coloço

Quando bela acalmou-se  
a teca encostou-se nela  
ficou um pouco nervosa  
e disse pra dona bela  
vou dar-lhe uma cabeçada  
que você se desmantela

#### (03)

Bela aí se abriu toda  
e não pençou na ruína  
deu uma dentada em teca  
que rasgou-lhe a cortina  
e teca ai vomitou  
e melou dona Belarmina

mas seu quinca que é irmão  
de dona bela Tomaz  
deu uma risada fofa  
escondido por detraz  
teca achou que era mangando  
ficou um pouco voraz

E disse para seu quinca  
se quer brigar vamos a ela  
eu sei que és acochado  
mas já perdi a cautela  
e vou fazer com seu quinca  
o que fiz com dona bela

Teca endureceu de novo  
e armou-se para brigar  
bateu na porta de quinca  
e disse-lhe eu vou entrar  
e bela já ensanguentada  
não pode a ela ajudar

#### (04)

Quinca encostou a porta  
e disse não entra não  
teca já aperriada  
gritou pelos dois irmãos  
e nesta hora os culaudinos  
agiram de pé e mão  
Bela já toda melada  
de sangue naquela hora  
seu quinca também melou-se  
dona teca disse agora  
eu botando uma focinha  
o seu quinca se devora

Bela já ensanguentada  
e seu quinca todo melado  
a dona teca é nervosa  
os culaudinos do lado  
seu quinca não resistiu  
teca entrou feito um arado

Seu quinca se desgraçou  
com a grande cabeçada  
quando terminou a briga  
a teca estava pelada  
retirou-se com os irmãos  
foi a briga terminada

#### (05)

Seu quinca e dona bela  
foram a delegacia  
e deram parte da teca  
pela grande groceria  
que a teca fez com eles  
na manhã do outro dia

O delegado intimou  
a teca a comparecer  
pra dar o depoimento

como foi o fuzuê  
mas quando ela recebeu  
cuidou de amolecer

Chegou na delegacia  
pequena de admirar  
quando o delegado olhou  
disse é ruim de acreditar  
que uma coisinha dessa  
chame ninguém pra brigar

Nisto bela respondeu  
mas se bater ela cresce  
e quando está aperruada  
o pescoço dela endurece  
fica virada na peste  
e quem ir a ela padece

**(06)**

Nisto o delegado disse  
pois a teca tem razão  
ela quieta no seu canto  
você bole com a mão  
besta é se não agir  
na hora da precisão

Voltaram todos pra casa  
e ficaram tudo enrigado  
dona teca com saudade  
do que tinha praticado  
e dona bela ainda triste  
a ela não fez agrado

Mas depois de três semanas  
dona bela melhorou  
esqueceu o que passou-se  
com dona teca falou  
e seu quinca sendo irmão  
a dona teca pedoou

Como amiga a bela disse  
teca vem me visitar  
já estou com saudade  
de nós duas se abraçar  
e brincarmos um pouquinho  
para nós se consolar

**(07)**

Teca com essa intriga  
ficou bem desconsolada  
lamentava muito triste  
e dizia não fiz nada  
uma amiga tão boa  
e comigo está intrigada

Eu vou fazer todo jeito  
pra acabar essa intriga  
até que um dia ela foi  
na fazenda pé de barriga  
e lá encontrou dona bela  
sofrendo grande fadiga

Se falaram e bela disse  
nunca mais tive alegria  
depois daquela brigada  
que nós tivermos outro dia

eu fiquei muito sensurada  
do povo da freguesia

Teca aí passou a mão  
na testa de Dona Bela  
também abraçou seu quinca  
irmão e vizinho dela  
e ficaram se gostando  
até por mais de tabela

**(08)**

E hoje vive tudo alegre  
feito toicinho no tacho  
teca na rua da frente  
e seus irmãos mais embaixo  
unidos com dona bela  
igual banana no caixo

Hoje são todos amigos  
mas teca é superior  
bela é sempre humilhada  
sendo a chave do amor  
o seu quinca mesmo sentido  
mas também tem seu valor

Aqui termino o livrinho  
que escrevi com cuidado  
por ter um duplo sentido  
não pode ser sensurado  
peço desculpa ao leitor  
se não for do seu agrado.

FIM - Bezerras, 19/03/08